

## **“POR QUE A CARMEN DE LARA CASTRO?” REFLEXÕES SOBRE HISTÓRIA ORAL E ESCRITA BIOGRÁFICA**

Tamy Amorim da Silva\*

**Resumo:** Carmen de Lara Castro (1919-1993) foi uma mulher paraguaia que lutou contra à ditadura stronista no âmbito na defesa dos Direitos Humanos entre as décadas de 1960 a 1990. Sua trajetória política é objeto da dissertação de mestrado em História que realizei na Universidade Federal de Santa Catarina. Para tanto, durante a investigação foram efetivadas uma série de entrevistas, e neste artigo, proponho analisar a entrevista realizada com o jornalista paraguaio Claudio Roberto Paredes buscando responder a pergunta proposta no título do artigo em questão.

**Palavras-chave:** História Oral – Carmen de Lara Castro – Biografia

**Abstract:** Carmen de Lara Castro (1919-1993) was a Paraguayan woman who fought against the stronista dictatorship under the defense of human rights between the decades from the 60's to the 90's. Her political career is my master's research object in history I have accomplished at the University Federal de Santa Catarina. To this purpose, during the investigation it was carried out a series of interviews, and in this article, I propose to analyze the interview with the Paraguayan journalist Claudio Roberto Paredes seeking to answer the question raised on the title of the article in question.

**Keywords:** Oral History – Carmen de Lara Castro – Biography

“Por que a Carmen?”<sup>1</sup> perguntou Claudio Roberto Paredes durante uma entrevista realizada por mim em maio de 2014, em Assunção/Paraguai. Essa é a questão que permeará o texto, entrelaçada pelas discussões da metodologia de História Oral e os estudos biográficos. Carmen de Lara Castro foi uma mulher paraguaia (1919-1993) que durante a ditadura stronista<sup>2</sup> tornou-se “líder” da *Comisión de Defensa de los Derechos Humanos* (CODEHUP), e nela atuava denunciando a violência estatal e auxiliando pessoas presas.

---

\*Mestra em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina.

\*\* Gostaria de agradecer a Eloisa Rosalen e a Gustavo T. Pontes pelas leituras desse texto.

Essa mulher é objeto da minha dissertação de mestrado realizada na Universidade Federal de Santa Catarina na área de História Cultural<sup>3</sup>. Nela focalizo sua trajetória política fazendo um estudo de memória com pessoas que a conheceram em vida. O trabalho desenvolvido ao longo da investigação contou com diversas entrevistas orais, jornais digitalizados e documentos do “*Archivo del Terror*”, mas nesse texto focarei somente na discussão com as fontes orais.

Dentre todas as 18 entrevistas realizadas por mim e usadas para a pesquisa, uma em especial interrogou a minha escolha de biografar Carmen de Lara Castro, e, ao mesmo tempo, propôs deslocar meu olhar, um tanto apaixonado, pela personagem. O entrevistado em questão, chama-se Claudio Roberto Paredes, um jornalista que escreveu diversos livros sobre o Paraguai, dentre eles um intitulado: *Mujeres rebeldes por la patria*. Nesse livro ele trazia uma mini-biografia de Carmen de Lara Castro e essa foi a primeira razão para contatá-lo, e posteriormente, entrevistá-lo<sup>4</sup>.

Esse artigo, portanto, busca refletir e analisar o questionamento feito pelo entrevistado durante a entrevista: Por que [escolhi] a Carmen de Lara Castro? Assim como perceber por qual motivo para Claudio Roberto Paredes à biografia dessa personagem não parecia tão interessante para ser investigada. Para tanto, o texto está dividido em duas partes que atravessam esses questionamentos, a primeira, apresenta algumas notas sobre a pesquisa e a escolha de estudar a trajetória de Carmen de Lara Castro, trazendo reflexões sobre o método utilizado. Já a segunda, enfoca no contexto da entrevista com Claudio Roberto Paredes, priorizando responder as perguntas lançadas.

### **- A Carmen de Lara Castro que é contada e a memória narrada – reflexões sobre História Oral e biografia**

Carmen de Lara Castro é um nome expressivo no Paraguai e representa para muitas pessoas que viveram o período de stronismo, a luta pelos direitos humanos nesse país<sup>5</sup>. Esta mulher e um pequeno grupo de pessoas fundaram em 1967 a primeira Comissão de Defesa dos Direitos Humanos do Paraguai, que teve sede na casa de Carmen de Lara Castro em Assunção entre os anos de 1967 a 1993. Ainda na década de 1960, ela foi eleita deputada pelo Partido Liberal Radical, – partido de oposição tolerada ao Colorado, que era o Partido oficial de Alfredo Stroessner<sup>6</sup> – nessa época poucas foram às mulheres eleitas para cargos parlamentares<sup>7</sup>.

A ditadura stronista teve a duração de 35 anos (1954-1989) e possuiu um caráter legalista com uma democracia falseada – com eleições presidenciais e legislativas que deram legitimidade política e base institucional, reordenando o sistema político que já havia passado

por demasiadas crises e golpes<sup>8</sup>. Na década de 1960, o governo stronista estava consolidado, como afirma a autora Ceres Moraes. Já havia afastado parte da oposição política, abafado os sindicatos e os movimentos estudantis<sup>9</sup>. Destaco ainda que os partidos políticos estiveram proscritos e grande parte da oposição política já se encontrava no exílio, antes mesmo desse regime, e que o sentimento anticomunista, fortemente exaltado por governos anteriores, foi reforçado com a lei “*Defensa de La Democracia*” 294/1955<sup>10</sup> que era usada de forma arbitrária.

Além disso, o Estado de Sítio era comumente usado a cada três meses, sendo a lei 294 e o Estado de Sítio os componentes “legais” para perpetrar atos de violência e repressão<sup>11</sup>. Como sugere Lorena Soler, o stronsimo representou no Paraguai uma “modernização conservadora” que instituiu uma nova estrutura econômica, social e de poder político em que o Estado e o Partido Colorado passaram a intervir na vida paraguaias/os e estrangeiras/os de forma violenta e arbitrária<sup>12</sup>.

Exponho essas informações sobre a ditadura stronista para apresentar, mesmo que brevemente, o contexto político em que Carmen de Lara Castro viveu para melhor entender a atuação dessa personagem. Já que dentro dessa conjuntura de stronsimo, ela agiu através de duas frentes de ação: a *Comisión de los Derechos Humanos del Paraguay* e o parlamento, com auxílio do Partido Liberal Radical e setores da sociedade paraguaia, pode realizar denúncias e auxiliar familiares de presas e presos.

A partir da explanação, assevero que pesquisa de mestrado foi pensada a partir de um olhar biográfico que não pretendeu escrever a história de Carmen de Lara Castro do início de sua vida ao fim, mas intencionou estudar um período datado que foi o de ditadura civil-militar no Paraguai, e a atuação política dessa personagem durante o período de 1967 a 1989. Então o que se propôs foi realizar um estudo de trajetória, que é uma das experimentações possíveis do gênero biográfico. Porém, por que escolher Carmen de Lara Castro e como chegar até ela?

A ideia de escrever uma trajetória traz em si uma tentativa de narrar um caminho ou uma experiência datada, sabendo que a escrita jamais irá totalizar uma vida. A escrita segue uma narrativa racional que tem a ver com escolhas da autora e com as fontes selecionadas. Na pesquisa, portanto, parti de um período conhecido da vida de Carmen de Lara Castro que foi a formação da Comissão de Direitos Humanos e sua eleição como Deputada em 1967, e o fim da ditadura stronista em 1989.

Ao estudar a ditadura no Paraguai por meio de entrevistas realizadas pelas professoras Cristina Scheibe Wolff e Joana Maria Pedro, coordenadoras do Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH), deparei-me com a figura de Carmen de Lara Castro. Personagem que despertou a minha atenção devido ao tipo de atuação e o pouco conhecimento que temos

de sua trajetória política. Na maioria das vezes, ela é narrada no Paraguai seja em entrevistas, em livros ou em jornais como a *Señora Libertad* ou *la madriña de presos*, uma mulher que tinha sensibilidade e preocupação com as pessoas que estavam encarceradas, devido a sua longa ação desde a *Comisión de Defensa de los Derechos Humanos del Paraguay*. Contudo sua outra atuação desde a política na área legislativa, e até mesmo partidária, é pouco conhecida e explicitada. E foi justamente essa atuação que me chamou atenção em sua trajetória de vida.

Portanto, para estudar essa trajetória realizei entrevistas com pessoas que conviveram com Carmen de Lara Castro, desde o partido político a organismos de direitos humanos, para refletir e analisar como ela é narrada, e como se tornou uma personagem recordada ainda nos dias atuais em entrevistas, em jornais e em revistas paraguaias. As fontes orais foram o terreno escolhido para ‘invadir, habitar e viver’ artificialmente por meio das memórias, o contexto ditatorial em que Carmen de Lara Castro viveu. Nesse sentido, busquei compreender como essa mulher, em um período repressivo, conseguiu ascender na política mesmo estando do lado oposto ao regime autoritário de Stroessner.

Destarte, para a incursão na trajetória de Carmen de Lara Castro, a ferramenta da história oral, tornou-se de suma importância, uma vez que possibilita aprender uma “outra história” que não é escrita nos jornais e livros, pois na maioria das vezes são laudatórios. Por meio das experiências de vida de cada entrevistada/o e de das lembranças rememoradas, pude aprender sobre o cotidiano de ida às prisões, a respeito da família Lara Castro, sobre o Partido Liberal, acerca da *Comisión Defensa de los Derechos Humanos*, entre outros assuntos e temas. Claramente, compreendo que a memória narrada é subjetiva<sup>13</sup>, seletiva e formada na atualidade, já que é construída ao longo do tempo e das experiências de cada sujeito e a importância das entrevistas nessa pesquisa é central, visto que permitem encontrar essas narrações do cotidiano, constituir uma trajetória e analisar como Carmen de Lara Castro é contada no Paraguai.

#### **- A Entre/vista com Claudio Roberto Paredes- leituras e interpretações**

Alessandro Portelli nos incita a pensar que cada entre/vista<sup>14</sup> é um momento único e especial, pois é nela que são estabelecidas, por meio do diálogo e de um gravador uma performance/encontro/confronto de alteridades e experimento de igualdade, e é isto que caracteriza uma entrevista e a história oral: o seu caráter dialógico e multivocal<sup>15</sup>. Em uma entre/vista somos observadoras e observadas e para que essa experiência de criação ocorra é necessária interação e uma troca mútua entre as pessoas que participam dela. É desse modo que compreendo como ocorre uma entrevista e é com esse olhar que analiso a seguinte experiência.

Claudio Roberto Paredes nasceu em Assunção no ano 1954 e pertence a uma família de tendência política Liberal. Em decorrência de complicações políticas, seu pai esteve exilado na Argentina por vários anos. Nesse ínterim, ficou na Capital com sua mãe e com seus irmãos, estudou em colégios da região, e quando ainda estava no secundário adentrou em uma organização de esquerda.

No final da década de 1960, ele se envolveu com a oposição ao regime stronista desde um grupo clandestino chamada de *Movimiento Paraguayo de Liberación* (MOPAL) <sup>16</sup>. Quando esse grupo foi descoberto em meados de 1974, na conjuntura de uma onda repressiva a organizações de esquerda, Paredes foi torturado e preso, ficando nos cárceres paraguaios até o ano de 1977. Ao sair da prisão, ajudou a organizar e participou de um movimento que encabeçava a luta pelas pessoas presas, chamado de *Juventude por los Derechos Humanos* (JPDH) – esse grupo mantinha vínculos com a *Comisión de Defensa de los Derechos Humanos del Paraguay* e foi desde essa atuação que Paredes passou a conviver com Carmen de Lara Castro. Na década de 1980, por conta da perseguição do regime stronista, ele se exiliou no Brasil por dez anos, e posteriormente retornou ao Paraguai<sup>17</sup>.

Essa breve exposição sobre Claudio Roberto Paredes, serve para apresentar o entrevistado, os locais em que esse militou e seu lugar de fala: desde a esquerda política e opositor à ditadura stronista. Apesar de sua trajetória política ser muito rica, a proposta do artigo não é contá-la, mas responder a pergunta feita por ele e analisar a entrevista.

O contexto de escolha do entrevistado ocorreu devido à leitura de um livro escrito por ele e publicado em 2011, intitulado *Mujeres Rebeldes por la Patria*. Essa obra foi impulsionada pela *Secretaría de la Mujer* no Paraguai, a pedido da *Ministra de la Mujer*, Gloria Rubin<sup>18</sup>. Nele, Paredes apresenta a biografia de 21 mulheres paraguaias que foram militantes durante e após a ditadura stronista, dentre essas mulheres, o autor conta sobre a trajetória de Carmen de Lara Castro<sup>19</sup>.

No primeiro contato com Paredes, realizado por *e-mail*, expus que havia esse livro e que desejava de realizar uma entrevista com ele devido à pesquisa que vinha realizando. Sua resposta adensou ainda mais a vontade de entrevistá-lo, pois ele havia trabalhado juntamente com Carmen de Lara Castro desde a JPDH. Portanto, para além de ter escrito/construído uma biografia de Carmen de Lara Castro, – podendo indicar outros trabalhos, acervos e lugares que tivessem documentos referentes à personagem – ele havia conhecido e lutado o com ela durante a ditadura.

Dos contatos por *e-mail* e da possibilidade de realizar uma entrevista no Paraguai, fiz o roteiro de perguntas que foi elaborado para pensar e conhecer a trajetória de vida de Claudio

Roberto Paredes Roberto, entrelaçando a questões específicas sobre a militância de Carmen de Lara Castro. Nela busquei saber também por que havia escolhido essa personagem para escrever uma biografia dela em seu livro. A entrevista teve a duração de 1 hora e 53 minutos e teve a participação de Josiély Koerich na época estudante de História, e Lorena Zommer, doutoranda em História, ambas são pesquisadoras que estudam o período da ditadura stronista.

Então, no dia 3 de março de 2014, na sala do *Hotel Margaridas*, localizado no centro de Assunção, às 20 horas, iniciamos a combinada entrevista. Após quarenta e dois minutos de intenso diálogo sobre sua trajetória de militante de esquerda e sobre a ditadura paraguaia, Claudio Roberto Paredes me olhou e perguntou: “Por que a Carmen? Tendo pessoas fantásticas. Tem pessoas que posso apresentar amanhã mesmo”<sup>20</sup>.

Essa interrogação foi realizada no momento em que busquei saber como ele havia conhecido Carmen de Lara Castro. Deste modo, posso pelo menos tirar duas interpretações dessa pergunta feita por Paredes: A primeira diz respeito à geração/alteridade, tendo em vista que sou uma brasileira que não viveu o período da ditadura. Por qual motivo uma jovem brasileira estaria interessada em escrever sobre uma mulher paraguaia? A segunda é sobre a própria condição social de Carmen de Lara Castro. Por que, então escolhê-la para biografar?

A fala de Paredes na entrevista se distancia do que escreveu em seu livro em relação à Carmen de Lara Castro, nele a personagem é apresentada como uma *militante de alma*<sup>21</sup> que desde o início de sua vida teria lutado pelos ideais do Partido Liberal e contra injustiça no Paraguai. Diferentemente, em sua narrativa oral, Paredes expôs Carmen de Lara Castro como uma mulher conservadora, alguém que por estar em uma posição mais confortável devido a seu status social, pôde encabeçar a lutar pelos direitos humanos sem maiores entraves com o regime stronista, e que a atuação dela não seria tão atuante como narram os livros e as entrevistas. Menciono isso para frisar a diferença entre o livro e a entrevista. A obra publicada em 2011 e escrita por Paredes possui um caráter de valorização e visualização da luta de mulheres que militaram contra a ditadura, sendo extremamente positiva, levando em conta que foi impulsionado pela *Secretaría de la Mujer*.

Na entre/vista, Claudio Roberto Paredes não teve a mesma pretensão de ser laudatório como no livro. Nessa narrativa sobre Carmen de Lara Castro feita com Paredes, ficou expressa sua vontade de deslocar meu olhar para outras mulheres quando enfocou:

[RP-] A coca Lara Castro nunca foi presa. Ela é descendente de Mariscal Estigarribia<sup>22</sup>. [TS- sim]. [RP-] A mulher do Estigarribia, era irmã da mãe de Coca Lara Castro, ou seja, ela era de uma oligarquia poderosa. [...] Você não está diante de uma heroína, não é uma Olga Benário, certo? Não é a Olga. Aí, é totalmente diferente<sup>23</sup>.

Ou seja, era uma mulher conservadora e com ideais de uma elite <sup>24</sup> política paraguaia liberal. Não foi uma militante de esquerda, como Olga, ou tal qual como ele foi. A lógica da narrativa de Paredes era de apresentar outras mulheres com histórias “fantásticas”, que eu poderia conhecer e até mesmo ser apresentada por ele. Talvez, estivesse preocupado em apresentar mulheres que não fossem conhecidas na história escrita sobre a resistência no Paraguai, ou que teriam realizado algum tipo de militância contra o regime, a partir de outras vias que não fossem através da luta pelos direitos humanos, ou, até mesmo, mulheres que não pertenciam à elite <sup>25</sup>.

A minha resposta a pergunta de Claudio Roberto Paredes refletia o objetivo e a escolha de por que biografar Carmen de Lara Castro:

[TS-] Eu fico pensando e eu vou te questionar. Por que assim, em várias entrevistas o nome da Carmen aparece. A Carmen como uma mulher que foi fundadora da Comissão de Direitos Humanos. [RP- Certo]

[TS-] Em 67, a criação formal [RP- certo] da comissão e, eu fico me perguntando como ela conseguiria fazer às denúncias, como era fazer denúncias e tomar a frente pelos direitos humanos sendo ela uma mulher. Sendo ela uma mulher e fazendo oposição a ditadura de Stroessner.

Assim sendo, logo depois da resposta, chamei a atenção de Claudio Roberto Paredes para a mini-biografia que escreveu sobre Carmen de Lara Castro, no livro *Mujeres Rebeldes por la Pátria*. E perguntei: “E por que você escolheu a Carmen dentre essas mulheres?”<sup>26</sup>

[RP-] Carmen? Por que ela tinha esse mérito. Ela teve esse mérito. Teve pessoas que preferiam ficar em silêncio. Por que aqui se ficassem calados não eram perseguidos. Em um outro quarteirão, aí abaixo, tem dois edifícios. Tem um edifício gigantesco, uma casa de seguros que era de um partido social. Então, a única coisa que Stroessner pediu a eles foi: — vocês, caladinhos! É quase em frente do local que tinha a maior escritania do país, uma casa em que o escrivão faturou uma barbaridade, e também ficaram em silêncio. E a Carmen teve a coragem de não ficar em silêncio e teve que enfrentar os caras. Acho que ela tem esse mérito. Ela está *bem* nessa lista, estou de acordo e voltaria a fazer.<sup>27</sup>

Essa indagação já existia no roteiro de perguntas original para a entrevista, mas no momento em que ela foi feita inverteu o questionamento que foi feita por ele anteriormente. De acordo com esse excerto, a escolha de Claudio Roberto Paredes em escrever sobre Carmen de Lara Castro foi pelo fato de ela não ter “ficado em silêncio” durante a ditadura, por isso, a importância de incorporá-la em um livro que abordava a trajetória de mulheres. Mas, pode-se adicionar a isso, a presença que essa personagem tem nas revistas, nos jornais e nos livros que abordam o tema dos direitos humanos no período de stonismo.

Carmen de Lara Castro denunciou os maus tratos das prisões em periódicos e organismos de direitos humanos internacionais, ia às embaixadas estrangeiras pressionar os órgãos para auxiliar as pessoas presas, escondia muitas pessoas em sua casa<sup>28</sup> e fazia visitas aos cárceres paraguaios. Toda essa atuação ocorreu em uma sociedade que vivia sob a vigilância dos *Pyraques*<sup>29</sup> e que tinha a tortura como prática cotidiana. Carmen de Lara Castro, ao contrário do que Claudio Roberto Paredes informou durante a entrevista, foi presa algumas vezes por sua militância de denúncia, e teve seus filhos e seu esposo presos em situações diversas.

Certamente sua posição de elite favoreceu seu engajamento na política e pelos direitos humanos, pois fazia parte de um círculo familiar que teve ascendência social e na política. Contudo, apesar de ser uma mulher proveniente dessa elite paraguaia, não deixou de sofrer as “consequências” de suas ações contra o regime stronista, que possuía um sistema de repressão eficaz que escolhia as pessoas para desaparecer, matar, e torturar.

Nesse artigo pontuei a partir de uma pergunta realizada em uma entrevista, algumas questões e reflexões sobre a pesquisa que desenvolvi durante o mestrado. A entre/vista efetivada com Claudio Roberto Paredes, logo no início da investigação em 2014, me deu outro ‘olhar’ sobre a Carmen de Lara Castro que comumente não era explorada em outras entrevistas realizadas no LEGH, em livros, em revistas e até mesmo no livro escrito por ele.

Claudio Roberto Paredes longe de idealizá-la, questionou a minha escolha em biografá-la, circunscrevendo à personagem a uma “oligarquia poderosa” no Paraguai, e mostrando-a como uma mulher normal, só que muito bem posicionada politicamente e auxiliada por outras pessoas e grupos. Para ele, Carmen de Lara Castro não foi uma heroína e muito menos da esquerda política, era uma mulher conservadora.

Talvez, Paredes realmente estivesse interessado em apresentar outras mulheres que continuam ausentes na escrita sobre resistência no Paraguai. Já que sobre a Carmen de Lara Castro havia textos, inclusive o dele, que tratavam dessa personagem. Outra possibilidade, é que ao questionar minha escolha em biografá-la, também buscava compreender meu interesse sobre o assunto ou até que ponto conhecia sobre a trajetória dela.

No contexto da entre/vista, ao ser questionado sobre sua escolha em ter realizado uma mini-biografia de Carmen de Lara Castro no livro *Mujeres Rebeldes por la Patria*, reflete que apesar de ela ter sido uma senhora da elite, teve o mérito de não ter “ficado em silêncio”, ao contrário de muitas outras pessoas que colaboraram com o regime stronista<sup>30</sup>. Possivelmente, não foi apenas esse fator que levou Paredes a escrever sobre ela, mas no espaço do diálogo da entrevista, foi dessa forma que explicitou a importância da história de Carmen de Lara Castro

em um contexto ditatorial e em um livro que se propunha escrever sobre a militância de mulheres.

A entrevista que buscava compreender sobre os meandros da trajetória de Claudio Roberto Paredes e de Carmen de Lara Castro, possibilitou diversos elementos para pensar a memória que se constrói sobre essa personagem, assim como sobre as informações que não são encontradas nos livros e nas entrevistas, e que atentam para as vivências de um período de repressão e que são rememoradas no presente da entre/vista.

## NOTAS DE REFERÊNCIA

<sup>1</sup> PAREDES, Roberto. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Assunção: Paraguai. 03/05/2014.

<sup>2</sup> Período de governo ditatorial de Alfredo Stroessner (1954-1989) no Paraguai.

<sup>3</sup> SILVA, Tamy Amorim. *Memórias sobre uma dama valente: Carmen de Lara Castro e a ditadura stronista (1967-1989)*. (2016). Dissertação (Mestrado em História Cultural). Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2016.

<sup>4</sup> PAREDES, Roberto. *Mujeres rebeldes por la patria*. Assunção, Paraguai: Servi Libro, 2011, p. 59-69.

<sup>5</sup> Algumas pessoas entrevistadas que enfatizaram essa importância de referência na luta pela efetivação dos Direitos Humanos realizadas por Carmen C. de Lara Castro, são: Alfredo Boccia Paz, Guido Rodriguez Alcalá, Cláudio, Jorge Lara Castro, Rosa Palau, Martin Almada, Rafaela Guanes Laino, Luis Alfonso Resck, entre outras/outros.

<sup>6</sup> LEWIS, Paul. *Paraguay bajo Stroessner*. (Colección Popular 327). México: FUNDEC, 1986, p. 319- 405.

<sup>7</sup> Faz-se necessário pontuar que a participação política de mulheres em cargos parlamentares se iniciou nas eleições gerais de 1963, e a lei 704 de *Derecho Político de la Mujer* que as tornava cidadãs é de 1961. Foram feitos vários projetos para o sufrágio feminino desde o início do século XX, mas eles não foram aprovados.

<sup>8</sup> SOLER, Lorena. *Paraguay. la larga invención del golpe*. Assunção: Arandurá, p. 42, 110, 2014.

<sup>9</sup> Esse regime ditatorial no Paraguai se utilizou da Doutrina de Segurança Nacional e, de discursos anticomunistas que justificaram a violência do regime, dentro de uma conjuntura interna e externa favorável ao governo stronista, como bem explica Ceres Moraes. No contexto interno: a instabilidade política gerada pela falta de democracia no país, como também crises econômicas e conflitos em que o país se envolveu, deixaram marcas ao longo de sua história. Já no externo o cenário de um mundo pós Segunda Guerra Mundial, com conflitos impulsionados pela Guerra fria, no qual foi promovido o discurso anticomunista e a Doutrina de Segurança Nacional. MORAES, Ceres. *Paraguai: a consolidação da ditadura Stroessner 1954-1963*. (Coleção História). Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 7-10, 2000.

<sup>10</sup> Para ter acesso às leis 294/1955: <<http://www.meves.org.py/?node=page.66&meves=guided.596.0#>> Acesso em 20/08/2016.

<sup>11</sup> COMISIÓN DE VERDAD Y JUSTICIA. *Informe Final Anive haguã Oiko*- Síntesis y Caracterización del Régimen. T. 1. Assunção: Paraguai: J.C. Medina, p. 147, 2008.

<sup>12</sup> SOLER, Lorena. *Op. Cit.*, p. 42, 110, 2014.

<sup>13</sup> PASSERINI, Luisa. *A memória entre política e emoção*. São Paulo: Letra e Voz, p. 7, 2011.

<sup>14</sup> PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de História Oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010; PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral, *Projeto História*, São Paulo, n. 15, p. 13-49, 1997.

<sup>15</sup> PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de História Oral*. São Paulo: Letra e Voz, p. 20, 2010.

<sup>16</sup> O *Movimiento Paraguayo de Liberación* foi uma pequena organização clandestina criada em 1970-71, com orientação marxista. Esse grupo promovia algumas de atividades de capacitação política não armada e tinham uma publicação chamada *Tetagua Sapucaí*. Em 1974, o MOPAL foi desarticulado após a uma tentativa de assassinato a Stroessner promovida pelo *Ejército Paraguayo Revolucionário* – EPR. Esses dois grupos clandestinos estavam em contínuo intercâmbio. Dessa forma, as duas organizações foram perseguidas/os e presas/os, entre outras pessoas que foram presas acusadas de terem envolvimento com a ação. Segundo indica a literatura sobre o assunto, o MOPAL não teve envolvimento na tentativa de assassinato, mas 23 integrantes foram presas entre o mês de novembro e dezembro de 1974. José M.; ACUÑA, Edith; BAREIRO, Line (et. al.). *El precio de la Paz*. Assunção: Centro de Estudios Paraguayos Antonio Guasch, 1991, p. 184-190.

<sup>17</sup> Os dados biográficos sobre Claudio Roberto Paredes foram retirados da entrevista. PAREDES, Roberto. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Assunção: Paraguai. 03/05/2014, p. 4-5.

<sup>18</sup> Gloria Rubin e Roberto Paredes já haviam publicado um livro juntos em 2007, chamado de *Espiral de Tormentos*, essa obra aborda o tema das violências contra as mulheres. Na apresentação desse livro, Gloria Rubin informa que Roberto Paredes quem o escreveu, mas que parte do que foi escrito por ele, foi escutado por ela a partir da narrativa de mulheres que vivenciaram diversos tipos de violência. Já No livro *Mujeres rebeldes por la Patria*, Gloria Rubin faz a apresentação e conta que a ideia da obra partiu dela, que ela havia buscado por pessoas que estivessem trabalhando o

tema das mulheres e a resistência stronista, mas não encontrou ninguém. Então, pediu a Claudio R. Paredes com quem já havia escrito um livro anteriormente. Disponível em: <[http://www.portalguarani.com/619\\_roberto\\_paredes/1627\\_espiral\\_de\\_tormentos\\_por\\_gloria\\_rubin\\_y\\_roberto\\_paredes.html](http://www.portalguarani.com/619_roberto_paredes/1627_espiral_de_tormentos_por_gloria_rubin_y_roberto_paredes.html)> Acesso em 25/08/2016; PAREDES, Roberto. *Op. Cit.*, 2011, p. 6-6.

<sup>19</sup> O livro está dividido cinco partes que categorizam o ‘tipo ou forma’ de militância política.

<sup>20</sup> PAREDES, Roberto. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Assunção: Paraguai. 03/05/2014, p. 8.

<sup>21</sup> Título da II parte do livro *Mujeres Rebeldes por la Patria* e que faz mini-biografias de cinco mulheres: Carmen de Lara Castro, Diana Bañuelos, Ligia Prieto de Centurión, Mina Feliciángeli e Sonia Aquino. PAREDES, Roberto. *Op. Cit.*, 2011, p. 56-117.

<sup>22</sup> José Félix Estigarribia foi tio de Carmen de Lara Castro. É considerado um herói de guerra, foi General na guerra contra Bolívia, chamada de Guerra do Chaco (1932-1935) e foi presidente do Paraguai (1939-1940).

<sup>23</sup> PAREDES, Roberto. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Assunção: Paraguai. 03/05/2014, p. 9.

<sup>24</sup> O conceito de elite é aqui entendido como amplo e aberto a novas interpretações. Segundo o historiador Flávio Heinz, não existe um “consenso sobre o que é uma elite”, uma teoria em particular, “sobre quem são e o que as caracteriza”. Porém faz referência a uma minoria privilegiada dado as qualidades naturais ou adquiridas; grupos que parecem estar no “topo de estruturas de autoridades ou distribuições de recursos” ; “dirigentes”; ou pessoas “abastadas”; “privilegiadas”; que de alguma forma são influentes nas relações de poder. Longe de querer entrar nesse debate enfocando a sociedade paraguaia, que demandaria maior uma investigação sobre as ‘elites’ desse país. Nesse trabalho, evidencio que Carmen de Lara Castro pertenceu a um pequeno grupo privilegiado da elite política, reconhecido socialmente por suas atividades; pelo ‘nome’ de origem – geralmente advindas/os de famílias importantes da política e cultura paraguaia; e que exerciam influência social dentro dos partidos, igrejas, movimentos estudantis, direitos humanos, entre outros. HEINZ, Flávio (Org.). *Por outra História das elites*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 7.; BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política*. 7ª ed., Brasília, DF, Editora Universidade de Brasília, 1995, p. 385-391.

<sup>25</sup> Paredes explicou na entrevista que não acreditava na possibilidade dos direitos humanos em mundo de lógica capitalista. Enfatizando que a matriz do pensamento dos direitos humanos era de ‘direita política’ e que não funcionava na prática. “não acredito, não, não, não. De todos os modos, eu já era consciente disso quando trabalhei com Carmen. Não fui acreditando no tema dos direitos humanos. O tema da libertação dos presos políticos era uma reivindicação política capaz de mobilizar os paraguaios para colocar em liberdade”. PAREDES, Roberto. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Assunção: Paraguai. 03/05/2014, p. 9-10.

<sup>26</sup> PAREDES, Roberto. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Assunção: Paraguai. 03/05/2014, p.10

<sup>27</sup> PAREDES, Roberto. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Assunção: Paraguai. 03/05/2014, p.10.

<sup>28</sup> Na entrevista de Roberto Paredes ele conta que dormiu muitas vezes na casa de Carmen, pois como era perseguido pela polícia, tinha que se esconder. PAREDES, Roberto. Entrevista concedida a Tamy Amorim da Silva. Assunção: Paraguai. 03/05/2014. \_Isto também foi evidenciado nas entrevistas de Rafaela Guanes Laino, Alfredo Boccia Paz e Guido Rodriguez Alcalá

<sup>29</sup> O significado deste nome em guarani é: pessoa com os pés peludos, portanto alguém silencioso. Durante o stronismo os *pyraques* eram os informantes da polícia, pessoas que vigiavam. PAZ, Alfredo Boccia; PALAU, Rosa; GONZÁLEZ. *Es mi informe: los archivos secretos de la policía de Stroessner*. Assunção: Servi Libro; Centro de Documentación y Estudios, p. 122, 2006.

Recebido em: 19/02/2016

Aprovado em: 07/07/2016